

“PRETINHA, EU?” REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA

Maria Letícia Costa Vieira¹

Patrícia Cristina de Aragão²

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

RESUMO:

Este trabalho se apresenta como uma proposta de ensino-aprendizagem através do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) que vem discutir sobre a questão das relações étnico-raciais na perspectiva da negritude no contexto da escola através da literatura infanto-juvenil. O objetivo geral é discutir sobre a educação das relações étnico-raciais na educação a partir da literatura na obra Pretinha, eu? De Júlio Emilio Braz. Nossa proposta é através do diálogo da literatura com a história promover a discussão na formação docente e na sala de aula acerca do trabalho com a história e cultura afro-brasileira levando em consideração suas pluralidades, dessa forma contribuindo com novas posturas éticas e mudando o olhar sobre a diversidade. Como referencial teórico trabalhamos na perspectiva dos autores Gomes (2007/ 2013) no debate sobre questão racial na escola, Toller (2007) e as discussões sobre literatura afro-brasileira, em Rezende e Maggie (2001) discutimos sobre raça e diferença. Tomamos como fonte de pesquisa e análise a obra “*Pretinha, Eu?*” de Júlio Emílio Braz que trata das tendências preconceituosas encontradas no âmbito escolar. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico em que utilizamos como fontes e pesquisa a obra literária. Por meio dela, problematizamos as formas como devemos abordar a temática racial na escola e na sala de aula, levando em consideração a formação dos docentes e a grande deficiência na educação com relação a nossa herança africana e as realizações do negro brasileiro na atualidade. Além de enfatizar a importância de trabalhar com a literatura afro-brasileira na sala de aula e no cotidiano em geral buscamos traçar o percurso do negro na literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade. Docente. Preconceito. Escola. Literatura.

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduanda em História, Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisadora do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/PROPESQ/CNPq.

E-mail: lcosta3007@gmail.com

² Professora de História. Universidade Estadual da Paraíba.

E-mail: patriciacaa@yahoo.com

O principal argumento que pretendemos desenvolver nesse trabalho é de que a inserção da literatura na abordagem da questão racial, na perspectiva da cultura afro-brasileira é fundamental, para compreender como na escola esse debate é promovido e quais as mudanças ocasionadas, quando se empreender no cotidiano escolar o debate pelo viés literário das questões étnico-raciais, na promoção de metodologia de ensino, tal intento, visa contribuir na desconstrução de uma visão negativada, que sendo construída no imaginário social em relação ao negro.

É importante, estudarmos e conhecermos a história e herança vinda dos povos africanos, valorizando-os positivamente por meio da literatura, buscando mecanismos de transformação social para a construção de uma sociedade democrática nas relações culturais e na união de forças para a valorização da diversidade.

Este trabalho discute sobre a questão étnico-racial na perspectiva da diversidade e da pluralidade que encontramos na sala de aula. O objetivo geral é discutir sobre a educação das relações étnico-raciais na educação a partir da literatura na obra *Pretinha, eu?* De Júlio Emilio Braz. Pretendemos discutir sobre as competências e habilidades demandadas da questão racial na literatura infanto-juvenil e na Lei 10. 639/03, tendo por base a obra literária e a lei já citada. Como objetivos específicos, apresentamos as seguintes propostas: refletir sobre o autor e sua obra, Júlio Emílio Braz; Refletir sobre o lugar da literatura afro-brasileira e sua importância na discussão da questão racial na escola e a importância da Lei 10. 639/03. Por último realizamos a análise da obra e sua discussão no campo da educação.

Nossa proposta é através do diálogo da literatura com a história promover a discussão acerca do trabalho com a História da África levando em consideração suas pluralidades, dessa forma contribuindo com novas posturas éticas e mudando o olhar sobre a diversidade. Como referencial teórico trabalhamos na perspectiva dos autores Gomes (2007/2013) no debate sobre questão racial na escola, Toller (2007) e as discussões sobre literatura afro-brasileira, em Rezende e Maggie (2001) discutimos sobre raça e diferença. Tomamos como fonte de pesquisa e análise a obra "*Pretinha, Eu?*" de Júlio Emílio Braz que trata das tendências preconceituosas encontradas no âmbito escolar e a Lei 10. 639/ 03.

O discurso cultural afro-brasileiro, tanto no sentido amplo do termo quanto especificamente nas manifestações escritas aqui enfocadas, nunca perdeu de vista a questão da exclusão e da marginalidade - exercendo aquilo que, em outro momento, chamamos a inscrição do excluído. (TOLLER, 2007, p.34).

Muitas vezes, em função do discurso em prol de uma democracia para todos, acabamos travando um ideal igual de pessoas, com trajetórias, culturas, valores e sociedades se resumindo ao normal e comum. Isso na produção literária ao longo do processo em que a literatura brasileira tem sido evidenciada, e na própria relação de construção da identidade do outro vem construindo e firmando estereótipos de uma visão formada ao longo da nossa história, que classificamos por vezes com um caráter europeizado. Dessa forma esse trabalho, procura problematizar o lugar social do negro como sujeito do seu discurso e de sua ação em defesa da identidade cultural, levando em consideração a importância da Lei 10.639/2003 nesse contexto.

Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico em que utilizamos como fontes e pesquisa a obra literária já mencionada. Por meio dela, problematizamos as formas como devemos abordar a temática racial na escola e na sala de aula, levando em consideração a formação dos docentes e a grande deficiência na educação com relação a nossa herança africana e as realizações do negro brasileiro na atualidade. Além de enfatizar a importância de trabalhar com a literatura afro-brasileira na sala de aula e no cotidiano em geral buscamos traçar o percurso do negro na literatura brasileira.

Nessa direção, selecionamos o livro *“Pretinha, Eu?”* do autor Júlio Emílio Braz, nascido em 16 de abril de 1959, na pequena cidade de Manhumirim. Que é considerado um autodidata, aprendendo coisas com extrema facilidade. Adquiriu o hábito de leitura aos seis anos. Iniciou sua carreira como escritor de roteiros para histórias em quadrinhos, publicadas no Brasil, Portugal, Bélgica, França, Cuba e EUA. Já publicou mais de cem títulos. Em 1988 recebeu o Prêmio Jabuti pela publicação de seu primeiro livro infanto-juvenil: *Saguairu*. E é considerado um excelente ilustrador e escritor.

Este texto, portanto, trata de um diálogo sobre como a literatura afro-brasileira infanto-juvenil trazendo a perspectiva da diversidade na escola, tais como: discriminação racial, preconceito, problemas familiares e desigualdade social, assim nos ajudando a entender que a superação do racismo e da desigualdade racial faz parte da luta pela construção de uma sociedade enfim democrática e justa para todos. É por meio desses conflitos que percebemos o quanto as condições sociais são fundamentais na conformação juvenil e cultural, posto ser por meio delas que a experiência se concretiza. Wilma Coelho afirma:

Mais do que afinidades, os adolescentes/juvenis buscam semelhanças. A diferença é vista com desconfiança e até mesmo

desconforto. No entanto, os parâmetros de semelhante sofrem mudanças ao longo do tempo. As práticas discriminatórias compõem o cotidiano dos adolescentes. (COELHO, 2015, p.45).

Para a realização desse trabalho utilizamos como fonte a literatura, de forma mais específica a literatura voltada para abordagem da cultura afro-brasileira, proporcionando assim um maior conhecimento sobre a expressão cultural afro-brasileira e as maneiras como esta é multifacetada e indispensável na construção de uma nova mentalidade. Este artigo está dividido em quatro tópicos, sendo eles: Introdução, Literatura afro-brasileira, identidade e diversidade na escola, “Pretinha, Eu?” e a importância do trabalho interdisciplinar e formação docente e considerações finais.

2. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA, IDENTIDADE E DIVERSIDADE NA ESCOLA

A escola é o espaço social que possibilita grandes transformações com a intenção de cumprir o seu papel na sociedade, que é construir uma sociedade democrática e justa. Nessa perspectiva compreendemos que nela conseguimos desmistificar as supostas indolências do ser africano escravizado, com relação a ideia de que o mesmo tinha traços selvagens e era pouco civilizado. Quando trabalhamos com literaturas que tratam dessas relações, possibilitamos uma descaracterização desse ideal negativo e abrimos um novo olhar sobre a identidade do outro.

Existem diferentes e diversas formas e modelos de educação, e a escola não é o lugar exclusivo onde ela acontece e nem o professor e a professora são os únicos responsáveis pela sua prática. Contudo, apesar de considerar essa dimensão mais ampla e mais geral do processo educativo (...). A escola é vista, como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade. (GOMES, 2013, p.2)

Esse trabalho com uma literatura relacionada ao negro e a sua cultura, é possível desde a implementação da Lei 10.639/2003 que propôs a inserção da história e cultura afro-brasileira no campo da história, literatura e educação artística. Essa Lei consegue superar a visão de que a ação da população africana e afro-brasileira no nosso país se resume as contribuições no período de colonização, e enfoca a discussão sobre a participação e construção da nossa sociedade, pela ação de diversas heranças culturais e descendentes dessa etnia.

Este tipo de literatura, muitas vezes é deixada de lado nas escolas, e isso deriva de uma série de pensamentos, representações e imagens negativas que a nossa base europeia construiu e alimentou sobre as culturas afro-brasileiras, porque entende que essas imagens que insistem em permanecer no nosso imaginário reforçam antigos preconceitos que impedem o crescimento e a diversidade da identidade do nosso país.

Problematizamos então que tanto a identidade pessoal quanto a identidade social são constituídas através do diálogo aberto e dependem, de maneira vital, das relações dialógicas estabelecidas com os outros. E esse processo é possível ser realizado atrás do uso de novas metodologias que tratem da diversidade cultural de cada sociedade, aqui enfocando a africana.

Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, consideramos a escola e a sala de aula, como um dos principais meios para esse processo, incluindo também, à construção da identidade negra. É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela nossa própria identidade (GOMES, 2013).

A literatura afro-brasileira subtrai do discurso dominante as presumíveis univocidades na medida em que a sua escrita rasura e subverte a construção das narrativas da história oficial, investindo em outras possibilidades de elaboração. É uma escrita que acrescenta, nega, questiona, incomoda. (DHYTTA, 1995, p. 122).

Durante séculos os negros não foram destacados neste cenário como protagonistas ou pertencentes à constituição do povo brasileiro. Pois quando trabalhamos com a literatura voltada para o afro, trabalhamos com uma identidade muito forte, e como sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais. Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais.

Reconhecer-se numa delas supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nesse processo, nada é simples ou estável, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes, ou até contraditórias. Somos, então, sujeitos de muitas identidades e essas múltiplas identidades

sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes, parecendo-nos, depois, descartáveis, elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. E no contexto que estamos hoje, com o enfoque no que é branco como sendo mais bonito, culto e melhor, essa rejeição e abandono da cultura e da própria identidade negra fica cada vez mais evidente.

A Lei 10.639/2003 permite que o debate sobre essa formação identitária seja incluído no meio educacional, pois ela foi promulgada com a intenção de criar uma nova dinâmica nas escolas, voltando o olhar para uma perspectiva que com o estudo da África, na história, na geografia, nos seus costumes, religião e cultura em geral, pode ajudar na superação do racismo e do preconceito no Brasil. Instalada pelas determinações legais, gestores e professores teriam que procurar alternativas para fazer frente nas temáticas de História da África e de Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares do Ensino Fundamental. E é nesse sentido que a classificamos como extremamente importante.

A Lei 10. 639/ 03 faz parte das políticas de ação afirmativa. Esta têm como objetivo central a correção de desigualdades, a construção de oportunidades iguais para os grupos sociais e étnico- raciais com um comprovado histórico de exclusão e primam pelo reconhecimento e valorização da história, da cultura e da identidade desses seguimentos (GOMES, 2007, p.79).

Nesse cenário, compreendemos então o quanto é importante à construção e reelaboração de saberes afro-brasileiros para a ação conscientizadora e educativa. Destacando o valor educacional da literatura afro, ao poder de construir uma identidade negro repleta de influencias positivas da escola e a importância da implantação da Lei 10.639/03, configurando que, temos uma sala de aula plural, com diferentes alunos, não podemos criar e trabalhar como se tivéssemos alunos genéricos, considerando que somos todos diversos e únicos, com identidades ricas e que devem receber seu devido valor e reconhecimento.

3. “PRETINHA, EU?” E A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INTERDISCIPLINAR E FORMAÇÃO DOCENTE

Na trama do livro, Vânia (personagem principal) passa por diversos casos de discriminação racial e preconceitos por sua classe social dentro da escola e da sala de aula, nesse caso a Escola torna-se o universo principal no qual as relações sociais acontecem, e são construídas, firmadas e amadurecidas. Na história de Júlio Emílio Braz ela é o lugar onde os primeiros pré-conceitos são formados e colocados na

prática do cotidiano e reconhecidos pela escola a princípio como simple indisciplina. Quando na verdade, a naturalização da violência verbal tem desdobramentos perniciosos, sobretudo para estudantes negros.

Trabalhar com esse tipo de literatura torna possível uma maior compreensão de como determinadas problemáticas nascem e enraizam na mentalidade das crianças e adolescentes. E no âmbito escolar é onde a transformação da mentalidade deve ser efetuada através da educação e do ensino voltado à igualdade. As novas expressões culturais definem o que é jovem e a forma como as mentalidades são construídas, desse modo formentamos ainda mais a ideia de que é preciso novas formas de implementar a História da África e o estudo da Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares.

Sobretudo, este trabalho permitir desenvolver olhares para novas formas de trabalharmos a literatura afro-brasileira nas escolas e na formação do docente levando em consideração a importância do negro na construção da sociedade brasileira, não só como sujeito escravizado, como também como sujeito constituinte e formador, além de tratar como essas problemáticas prejudicam na formação de seres humanos livres de problemas tão recorrentes. Nosso objetivo é fazer visíveis metodologias que possibilitam uma maior aprendizagem dos alunos e dos docentes e um maior interesse por literatura e cultura afro.

O escritor Júlio Emílio Braz torna o diálogo sobre discriminação e preconceito racial mais claro e de fácil entendimento em seu livro, desde o prefácio ele consegue deixar a relação entre leitor e escritor mais íntima com uma espécie de desabafo, quando relata nas primeiras linhas:

Eu só descobri que era negro aos vinte e poucos anos. [...] Eu vivia confortavelmente instalado dentro de palavras falsamente carinhosas do tipo “moreno” e “mulato” ou em termos simplesmente alienígenas, como “cidadão de cor” ou o famigerado “pardo” de minha certidão de nascimento. Meus sentimentos em relação a minha cor ou a minha etnia eram simplesmente embranquecidos. (BRAZ, 2008).

A discussão sobre a questão africana e afro-brasileira só terá sentido e eficácia pedagógica, social e política se for realizada no contexto de uma educação para as relações étnico-raciais (GOMES, 2007). E essa discussão tem que começar desde a formação dos professores, além da criação de um caráter

interdisciplinar sobre a temática afro na escola. No Brasil encontramos uma enorme deficiência na formação dos professores, pois estas são influenciadas por uma grande falta de interesse e informação sobre nossa herança africana e as realizações do negro brasileiro do presente momento. E quando vemos falar de história da África na escola, sempre encontramos uma conotação ao pejorativo, ao negativo, a pobreza, fome, violência e escravidão. Nossos professores, em grande parte são leigos da própria história cultural e identitária no nosso país e são esses mesmos que vão para sala de aula e tem o poder de construir um pensamento crítico.

Com “Pretinha, Eu?” conseguimos encontrar uma maneira de trazer a realidade para sala de aula, antes mesmo de ser um livro ou uma simples pergunta, muitas dúvidas, anseios e até medos sobre os falsos conceitos e termologias que a etnia negra acabou por herdar ao longo da história. A história do livro acontece quando uma garota negra chamada Vânia ganha uma bolsa de estudos em um colégio que só pessoas brancas estudavam, o Colégio Harmonia. A chegada da nova aluna causou muita confusão, principalmente para um grupo de amigas que não suportava a ideia de estudar com uma pessoa negra.

Porque, em cem anos de tradição, jamais alguém como Vânia entrara lá. Pelo menos, não como aluna.

Por quê?

Porque ela era... era... era... era preta, pretinha, pretinha, pretinha de parecer azul.

O impacto foi tão grande que a primeira reação das pessoas, pais e alguns professores – foi de espanto. E dos grandes. Era algo surpreendente.

(Pretinha, Eu? 2008, p.3).

Nossa formação de docentes, precisa ser remodelada, e o estudo da riqueza das sociedades africanas, do impacto do colonizador sobre esse continente, das múltiplas culturas, da diversidade pode ajudar a incluir a África e os africanos no cenário da nossa história, da história do Brasil. O preconceito de cor e de raça tem uma longa trajetória em nosso país, que dura desde a escravidão, até a contemporaneidade. É parte importantíssima de nossa história, e está presente em debates de nosso cotidiano. No trecho acima do livro que estamos trabalhando, observamos uma situação dessas, do cotidiano, que encontramos lugares com a falta de presença de pessoas na cor negra, devido à desigualdade social e a disparidade entre classes. No livro, o lugar de pessoas da cor de Vânia é na escola pública, onde tem vários iguais a ela.

As primeiras teorias sobre racismo no Brasil, baseadas nos estudos de Gilberto Freyre, pregavam que a discriminação racial em nosso país era diferente do resto do mundo e principalmente dos Estados Unidos. Acreditava-se que no Brasil, devido a um certo caráter benigno do nosso sistema escravista, o racismo era mais brando, quase inexistente. (REZENDE, 2001, prefácio).

Por mais que nosso país apresente uma sociedade completamente mistificada, o preconceito e a discriminação racial estão enraizados em nossa mentalidade, no nosso cotidiano e nas nossas atitudes. No trecho acima, Rezende relata que segundo Gilberto Freyre a discriminação deveria ser mais branda, porém conseguimos encontrar uma situação contrária, a ideia de raça na atualidade continua sendo uma complicação, devido à forma como a nossa mentalidade foi construída. E isso só pode ser reconfigurado com novas formas de pensar a negritude e de implementar o estudo sobre o negro e sua diversidade, e a construção de sua identidade.

O livro que usamos como base para este artigo, assim como o livro de Rezende, trabalham com a retomada do debate sobre a ideia de raça na atualidade. Vânia sabe que é negra, e isso não a faz menor que ninguém, isso faz parte de sua identidade racial, mas na trama encontramos uma personagem peculiar chamada Bel, que enfrenta uma espécie de negação na sua família quanto à cor da família do seu pai e a sua própria cor:

O mais engraçado é que, ao contrário da mãe da Carmita, que é casada com um homem branco, a minha é casada com o meu pai, que é negro. Ele pode ficar dizendo que é mulato e a minha mãe pode presentear-lo com um “moreno” dos mais simpáticos, mas ele é negro.

Será que minha mãe já notou? (Pretinha, Eu? 2008, p.28)

Casos como esse do livro é o que alimenta ainda mais o preconceito racial, termos como “moreno”, “mulato” e “homem de cor” deveriam ser substituídos naturalmente por “negro”, e o estudo dessas literaturas infanto-juvenis nas escolas é o que torna possível uma quebra de tabus e uma maior aceitação e reconhecimento da etnia negra e da sua cultura como elemento constituinte de nossa história e sociedade. A literatura tem o poder de mudar situações como “Preto de alma branca” e “É preto, mas é boa gente” na perspectiva de que somos todos iguais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de “Pretinha, Eu?” conseguimos analisar a forma como os alunos foram se aproximando de Vânia e a forma como Bel foi se descobrindo cada vez mais negra e parecida com Vânia. São por detalhes como esses que essa obra se torna de extrema importância para a discussão étnico-racial nas escolas e na sociedade em geral, é a forma como tiramos o preconceito do papel e começamos a lidar de forma verdadeira com ele. Para tal, necessitamos aprofundar nossos estudos sobre essa temática, e trabalharmos com a desconstrução de valores preconceituosos e constituirmos um ideal de identidade sendo uma mistura, social, política e cultural, levando em consideração a nossa formação histórica classificada como híbrida.

Preconceito, né? Apesar de tudo o que ouvimos naquela semana, o preconceito não acaba com belas palavras ou com boas intenções. Ele acaba verdadeiramente quando começamos a respeitar um ao outro nossas diferenças. (Pretinha, Eu? 2008, p.45-46).

A citação acima nos faz perceber o quanto precisamos trabalhar com a temática racial nas salas de aula e nas formações de professores nos lembrando que para acabarmos verdadeiramente com o preconceito e suas derivações nas escolas e na sociedade em geral, a luta é enorme e precisamos de diversas iniciativas que fortaleçam a identidade cultural e histórica africana como também a importância dessa etnia para nós, tendo em vista que somos todos iguais e que o respeito para com o outro é a base para uma sociedade livre de pré-conceitos e discriminações, seja em qual âmbito for.

Figura 1 (Capa do livro trabalhado)



Fonte: Pretinha, eu? Júlio Emilio Braz

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRAZ, Emílio Júlio. **Pretinha, Eu?** São Paulo, Scipione, 2008;

COELHO, Wilma de N. Baía & COELHO, Mauro Cezar. **Preconceito e discriminação para além das salas e aula: sociabilidades e cultura juvenil no ambiente escolar;**

Lei 10.639/2003 Disponível em: www.sec.ba.gov.br/jp2011/legislacao/lei_10639.pdf

REZENDE, Claudia Barcellos & MAGGIE, Yvone. **Raça como retórica: a construção da diferença.** Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2001;

TOLLER, Heloisa. **Literatura afro-brasileira: espaços de silêncio e voz;**

GOMES, Lina Nilma. **A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10. 639/ 03**, 2007;

GOMES, Lina Nilma. **Educação e identidade negra**, 2013.